**A EXPERIÊNCIA TÍPICA DO NOSSO MUNDO MODERNO**

O modo como os seres humanos se fizeram presentes no mundo e fizeram o

mundo presente neles variou ao longo da história. O homem mítico interpretava o

mundo dentro de outras categorias, diferentes das nossas. Tinha outra experiência. Da

mesma forma o homem da metafísica clássica experimentava o mundo diferentemente,

como uma hierarquia de entes dentro de uma ordem, presidida e culminada pelo Ente

supremo e eterno. Qual é o específico de nossa experiência de mundo?'

O típico de nosso mundo é o saber cada vez mais minucioso e certo (certeza não é

sinônimo de verdade!). Tudo é objetivado, isto é, feito objeto do saber. O saber lhe

confere segurança, porque saber é poder. Poder é subjugar todas as coisas aos interesses

do ser humano, de uma classe, de um país, de uma cultura, de um sistema político e

econômico. Esse saber objetiva tudo: Deus feito objeto do saber teológico; o próprio ser

humano, objeto de estudo de numerosíssimas ciências; o universo e a Terra, objetos

máximos da pesquisa científica. Desse saber nasceram as ciências e sua aplicação

concreta, a técnica. Elas se consideram eminentemente como ciências experimentais e

objetivas. O nosso mundo é e se entende como mundo técnico-científico, artefato da

manipulação dos seres humanos. Não admite nenhuma força numinosa e misteriosa

limitante. Tudo quer desvendar; de tudo quer conhecer as leis de funcionamento; experimenta e controla criticamente a experiência até poder estabelecer uma ciência exata e

segura. O conjunto dessas opções e processos constitui a assim chamada sociedade do

conhecimento, da informação e da comunicação.

Já se ultrapassou a ingenuidade hermenêutica de um tipo de pensar científico que

se entendia a si mesmo como pura objetividade. O pensamento e a ciência, pensava-se,

nada mais são do que o reflexo da realidade experimentada na consciência. Na verdade,

a própria ciência se deu bem conta de seu estatuto hermenêutico próprio, quer dizer, de

seu alcance e de seus limites. Conhecer não é reduplicar. A experiência é sempre feita

dentro de um modelo prévio e de perguntas previamente colocadas. Conforme as

perguntas, vêm também as respostas. O modelo científico prévio já seleciona o que se

deseja conhecer. Só verificamos aquilo que procuramos. Daí dizer-se que os dados

científicos não são rigorosamente dados científicos, mas são feitos através de nossos

inevitáveis modelos. Em razão disso, podemos e devemos dizer que a objetividade

científica inclui a subjetividade humana, as opções sociais e os interesses do grupo. É

sempre o ser humano que faz ciência. E o faz com tudo aquilo que é, com interesses

bem definidos e com um sentido que confere ao seu trabalho. Isso determina as

perguntas, marca os modelos de análise e orienta a direção de seu interesse científico.

De qualquer forma a nossa experiência do mundo é marcada pelo caráter

científico-técnico. Isso diferencia o nosso tempo de outros tempos da história humana.

Contudo, dentro desta experiência do mundo, apontou um elemento importante para o

nosso tema da experiência de Deus. A ciência da objetividade científica envolve o

homem que entra na determinação daquilo que deve ser analisado e pesquisado,

marcando a pesquisa com o sentido que ele lhe dá. Numa primeira dimensão, o ser

humano se preocupa primordialmente em dar uma explicação aos fenômenos que

analisa. Ela se processa com o recurso às causas imanentes verificáveis do próprio

fenômeno. Dessa forma constrói o edifício científico e a possibilidade de sua utilização

para transformar o inundo pela técnica. Esse complexo é um artefato humano, fruto do

exercício da capacidade do espírito.

Num segundo momento, mais fundamental que o primeiro da explicação, o

homem se pergunta pelo sentido dessas manifestações humanas. A ciência e a técnica

são um modo de o homem se situar no mundo e o mundo no homem. Que significado

possuem? Que visam eles? Que procura o homem com tudo isso? Pergunta-se pelo

sentido, que é mais do que uma explicação científica. A pergunta pelo sentido abrange a

totalidade do fenômeno científico. Como dizia com acerto um dos homens mais atentos

aos propósitos da ciência, Ludwig Wittgestein: "Mesmo quando tivermos respondido a

todas as possíveis questões científicas, perceberemos que nossos problemas vitais nem

sequer foram tocados.”

A pergunta pelo sentido da vida é inarredável. Ela, como notamos acima, já está

implícita e latente dentro da própria ciência e da técnica. O ser humano pesquisa e transforma o mundo porque vê sentido nisso, porque se realiza aí, porque consegue expressar

dimensões latentes nele. Que sentido o ser humano busca realizar e viver quando

dialoga técnico-cientificamente com a realidade? A análise desse questionamento nos

abre para o sentido originário de Deus, presente também dentro do mundo moderno.

**COMO DEUS EMERGE NA CAMINHADA PESSOAL**

Das reflexões que articulamos até aqui, deve ter ficado claro que Deus não

constitui um objeto entre outros diretamente experienciável. Deus emerge da

radicalidade da experiência do mundo. O discurso sobre Deus é um discurso qualificado

sobre o mundo, um discurso sobre o mundo enquanto nos apercebemos que ele não é a

última instância, mas vem sempre remetido e suportado por algo que se ilumina dentro

dele, mas que não é ele. Concretizamos essa abordagem mostrando como Deus surge

dentro da experiência de nosso mundo técnico-científico e de nossa realidade latino-

americana e brasileira oprimida.

A pessoa humana vive circunstanciada dentro desse duplo horizonte. No entanto,

ela não se deixa enquadrar simplesmente dentro desse mundo acima descrito. Possui sua

caminhada pessoal. É uma síntese única e própria da história. Nisso resido sua

sacralidade e dignidade. É uma e única. Faz a sua experiência do mundo e, no coração

dele, do mistério do mundo, isto é, de Deus.

Esta experiência de Deus na diafania do mundo1

, não nos cansamos de repeti-lo,

não é uma vivência de um objeto ou uma experiência ao lado de outra experiência. A

experiência de Deus não deve ser imaginada como uma experiência de ver um pôr-dosol e, ao lado disso, como a experiência de uma dor de dente.

2 Se assim fora, Deus seria

um fenômeno do mundo. Deus não é encontradiço em nenhuma parte. Daí insistirmos

que Deus só se torna real e vivo se emergir da radicalidade da experiência do mundo,

como sentido, como mistério que suporta o mundo, como força libertadora dentro de

nosso engajamento por mais justiça e humanidade. Nem a experiência de Deus consiste

em ter visões, audições e enlevos místicos. Tudo isso pode existir, mas fica no nível das

vivências subjetivas do mistério de Deus. Deus não é "visível", nem "audível" nem

"acessível" só na experiência mística. Se assim fora, Deus seria o privilégio e o luxo de

alguns iniciados e não o sentido que pervade toda a existência, por mais cotidiana que

se apresente. Daí poder-se experimentar Deus sempre e em qualquer situação, a partir

do momento em que atingirmos a profundidade da vida, lá onde ela mostra uma

abertura absoluta que ultrapassa todos os limites e que, por isso, comparece como o

Transcendente em nós.

Como se faz essa experiência de Deus na caminhada pessoal? Pode existir uma

espécie de mistagogia, quer dizer, uma via de iniciação? Aqui pisamos terra virgem.

"Caminhante, não há caminho! O caminho se faz caminhando", dizia o poeta espanhol

Antônio Machado. Como não podemos substituir ninguém nem viver a vida de alguém

outro, também aqui ocorre algo semelhante: cada qual, na caminhada de sua existência,

deverá fazer a experiência da raiz que lhe alimenta a vida. Podemos, contudo, acenar

para a seriedade da vida e convocar para descobrir Aquilo que já está presente, embora

de forma oculta, em sua vida. Talvez alguém se dê conta de que aquilo que experimenta

na vida nunca foi verbalizado em termos de experiência de Deus. Sobre Deus, imagina

bem outra coisa, pode ser até de forma errônea. Apesar dessa possível falsa interpretação, devemos dizer que Deus realmente pode ser experienciável por aqueles que nem

presumem isso. Mas eles experimentam o mistério da vida, o sentido profundo que a

pervade, o secreto apelo para um Mais em tudo o que sentem, vivem e fazem. Sob essa

experiência se esconde aquilo que deciframos como sendo Deus. Os acenos aqui

esboçados não pretendem descrever uma experiência de Deus, apenas chamar a atenção

para um possível caminho a ser aberto no qual Deus pode irromper.

A) DEUS COMO EXPERIÊNCIA DA BONDADE E DO SENTIDO RADICAL DA VIDA

Deus emerge do coração da vida, dizíamos anteriormente. Ele vem misturado

com as coisas. Ele é a interpretação última daquilo que o ser humano experimenta em

sua radicalidade. Mas não só aí emerge Deus. Como Ele está sempre presente em tudo,

então Ele se comunica também na banalidade da existência. Aí também se concretiza o

sentido originário da vida e, por isso, de Deus. Todos fazemos, por exemplo, a

experiência da bondade radical da vida.

3 Entregamo-nos confiantes ao trabalho e às

tarefas cotidianas, porque possuímos uma confiança não reflexa nem tematizada na

bondade da vida. Esta é dramatizada pelo caos existencial, pela traição do amigo, pela

mentira, pelo ódio, pelas doenças e, finalmente, pela morte. Mas apesar de tudo não

desistimos de viver, de nos levantar cada manhã e recomeçar o dia-a-dia. Há uma

dimensão gratificante na vida, que, apesar das contradições, não pode ser destruída. E

verdade que não podemos defini-la exatamente nem circunscrevê-la a algumas situações

privilegiadas. Sempre que pretendemos apanhá-la, ela nos escapa, pois sua estrutura é a

gratuidade e o seu puro acontecer. É por causa dela que continuamos a viver, mesmo no

meio das piores desgraças, o que deslegitima qualquer tentativa de suicídio. O suicida,

em seu gesto extremo, busca um sentido que a vida lhe nega e que ele, através da morte,

presume encontrar. Por isso, para ele, a morte não é um problema, mas uma solução. O

absurdo absoluto representa uma contradição lógica. A afirmação do absoluto absurdo

não passa de um desejo impossível. A afirmação de um absurdo absoluto não pode ser

absurda. Deve fazer sentido. Logo há sempre um superávit de sentido em tudo o que

fazemos e pensamos. E assim é porque vigora uma bondade de base no universo e da

vida. Essa bondade da vida nunca pode ser totalmente destruída nem negada. Ela não é

outra coisa senão Deus mesmo, emergindo dentro da experiência humana.

A partir daí podemos dizer: atrás da dúvida e da negação de Deus que todavia

possam existir, há uma outra dúvida mais radical ainda: Existe Alguém que me aceita

totalmente assim como sou? Quem nega a Deus, não nega tanto a existência de uma

Última Realidade, mas a possibilidade de ser aceito. Afirmar a Deus é acolher

implicitamente Alguém maior que me aceita e que me ama. E este Alguém é o

derradeiro consolo e o sentido fundamental de todo o viver.

Essa bondade fundamental do viver se apresenta como experiência de sentido. Não

criamos o sentido. Quando perguntamos pelo sentido, já nos descobrimos dentro dele.

Somos carregados por ele ao assumirmos com seriedade as pequenas e grandes coisas

da vida, a rotina do cotidiano, a convivência com o outro, a responsabilidade da

profissão. Apesar de todas as frustrações, apesar do desmoronamento de todas as

seguranças, apesar da destruição de todas as máscaras, apesar do inevitável abandono e

traição de valores vitais, apesar de toda a imensidão das negatividades humanas, triunfa

o sentido sobre o absurdo, vence a convicção da ordem fundamental do mundo sobre o

descoroçoamento e se impõe a luz sobre o negrume das trevas. É por causa do sentido

que transcende as finalidades imediatas e supera os sentidos captáveis que o ser humano

sempre retoma a caminhada da própria história e consegue suportar a monotonia do

cotidiano e o aparente vazio da rotina do dia-a-dia. Na verdade, esta se encontra

saturada de um sentido latente, sentido que a faz suportável. Deus deve ser pensado a

partir dessa experiência do sentido. Ele é aquela Luz na qual vemos a luz. Deus emerge

nas palavras da prostituta quando diz: "Reze por mim, padre, para que tudo dê certo.

Vou trabalhar mais um pouco, vou ainda me vender por um ano. Depois, já devo ter

pago meu apartamento. Vou ser mulher de um homem só. Vou ter meu marido, meus

filhos. Vou amar e sofrer. Mas irei amar e sofrer como gente. Deus é Pai e vai me ajudar

a sair desta vida de miséria." Quem fala assim, fala a partir de um profundo sentido.

Para aquele que entende, é Deus que assim faz a sua parusia na vida dessa pessoa.

O favelado trabalha duro para ganhar o salário mínimo. É tido por um zero

econômico e social. Os filhos se multiplicam. Crescem por aí como bichinhos. Ele

sente-se açulado pela pobreza extrema. Apesar da miséria inumana, tem um senso de

dignidade que transluz no modo como recebe o outro. Não perdeu a religião, a alegria

de viver, a sensibilidade pela necessidade do vizinho doente, a dimensão da

solidariedade humana. Há nele uma sabedoria que escola alguma, a não ser a da vida,

pode comunicar. "Deus fez o mundo bem feito", diz ele. "Fez de um jeito que, um dia,

todos serão realmente iguais. Fez uma coisa que ninguém pode comprar. O milionário

compra o que deseja e vai para onde quer. Deus inventou uma coisa que faz com que

todos sejam iguais e que ninguém pode comprar. Isso ele manda de graça: a morte. O

milionário pode comprar um caixão de jacarandá. Mas ele também morre e é enterrado

num palmo de terra, igualzinho ao mais pobre dos pobres. Deus fez tudo bem feito, com

a invenção da morte. Por ela todo o mundo é feito igual e irmão. Quer queira, quer não."

Poder falar assim é viver a partir de uma dimensão de profundidade. A alegria lhe

advém. A sensibilidade pelo outro e o senso de solidariedade acontecem na vida desse

favelado. Não é Deus que se manifesta? Deus não aparece exatamente nessa dimensão?

A nossa objetivação de Deus como um Ente Supremo impede-nos de ver essas

manifestações da vida humana com advento e evento divinos. Mas devemos habituarnos a experimentar Deus que nasce assim dentro da vida humana - mesmo a mais banal.

B) DEUS COMO EXPERIÊNCIA DO VAZIO DA VIDA

Não experimentamos a cada momento nossa fragilidade? Tudo o que fazemos e

construímos, mesmo com a melhor boa vontade e pureza de coração, é fugaz. Pode

estragar-se ou ser mal compreendido. Nossa harmonia interior está sempre por se

elaborar. Nunca é uma conquista que nos satisfaça plenamente. No fundo de todo o

nosso agir palpita sempre uma ansiedade que nenhum psicanalista pode erradicar, pois

ela é ontológica. Há uma última solidão que fere o coração de existência. Regiões e momentos de nossa vida existem em que ninguém pode estar ao nosso lado. E jamais

poderá estar. Devemos assumir sozinhos, numa radical e solitária responsabilidade, o

destino de nosso caminhar. A finitude que sentimos só é possível a partir daquilo que

não é finitude. Só a partir do ilimitado, sentimos nossa limitação. Só quem vive a

liberdade sofre com a escravidão. Quando sentimos e sofremos o limite, já estamos

também para além dele. Surpreendemo-nos no horizonte aberto do infinito. Estamos

sempre enquadrados numa situação dada, mas ao mesmo tempo nos auto-transcendemos

e nos superamos a nós mesmos. Somos eternos protestantes em face de tudo o que

encontramos à nossa volta ou que nós mesmos temos construído. A experiência de

nosso limite, de nosso muro, de nossa fragilidade, numa palavra, de nossa imanência,

nos convoca para a experiência do ilimitado, da abertura total e do absoluto. Esta experiência é condição daquela. Não é porventura a infinitude, o ilimitado, o absoluto o

nome que damos ao Mistério que se anuncia dentro dos quadros de nossa vida? Não é a

diafania sofrida de Deus que detectamos?

c) DEUS COMO EXPERIÊNCIA DA PLENITUDE DA VIDA

Não fazemos a experiência do amor como experiência daquilo que acontece em

nós, mas que é maior do que nós? Sentimo-nos amados pelo outro numa absoluta

gratuidade, gratuidade que acolhe nossa fragilidade e aceita nossa profunda limitação

que, de per si, poderiam matar o amor ou tirar as razões para o outro continuar amando.

E, contudo, acontece o amor. Não amamos também nós de uma forma que não pode ser

justificada por um fundamento racional, acolhendo a historicidade e a pequenez do

outro, suas negatividades, o fato absoluto de que ele passou pelo nosso caminho e se

deu o milagre do encontro? Ninguém preparou nada. Ninguém marcou a encruzilhada.

E, contudo, existe o milagre do encontro surpreendente do amor. Se observarmos bem,

o que amamos quando amamos outra pessoa? É alguma coisa determinável como a

beleza, a inteligência, a meiguice, a bondade, a sintonia com nós mesmos? Mas, se

assim fora, não amaríamos a pessoa, mas alguma coisa da pessoa. Na verdade, amamos

a misteriosidade da pessoa, misteriosidade que se manifesta em tantos gestos e em

tantas dimensões identificáveis, mas que também deixam sempre a ser descoberta a

realidade intrigante da pessoa amada. Esse mistério é vivo e pessoal, transcende

totalmente as determinações e concreções da pessoa. Por que a linguagem dos

namorados se aproxima da linguagem do divino, nas juras de amor eterno, de absoluta

fidelidade e entrega irrestrita? Não é porque o que está em jogo no amor é o mistério do

amor, o fascínio da transcendência viva, isto é, Deus mesmo? O amor humano é

revelação, mais ainda, é comunicação desse Amor maior. A pessoa é o lugar e a

manifestação encarnada do Deus do amor e do amor de Deus e seu evento de doçura na

história dos homens. Quem é Deus na sua última profundidade, só podemos apreendê-lo

a partir da experiência do amor. Dessa experiência deu prova o Novo Testamento ao

afirmar que "Deus é amor" (I Jo 4,8).

Por isso o amor faz a dolorosa experiência: o tu humano não é a última instância;

ele não satisfaz a exigência do coração por um Tu absoluto. O tu humano se ordena ao

Tu absoluto; é sua presença sacramentai; é figurativo de um outro Amor. O tu humano

deve juntar-se ao eu amado e, juntos, colocar-se na direção do Tu absoluto. Então o

amor se torna perfeito, porque morre para si mesmo a fim de ressuscitar num Amor

maior, que é o próprio Deus.

Deus emerge também em toda a experiência do outro. Diante do outro não estou

diante de um objeto que posso logo enquadrar em algum esquema. Não há ficha que

possa captar totalmente a pessoa humana. Ela nunca se ajusta adequadamente a uma

situação nem pode ser definida a partir de suas circunstâncias. No fundo, cada pessoa é

uma pessoa, única e irrepetível. Ela, pela sua simples presença, significa uma

convocação para a Transcendência viva. O ser humano, já o dissemos tantas vezes, representa um projeto infinito e um mistério aberto sobre o inteiro universo. Esse mistério

não é o resíduo do ainda não conhecido ou pesquisado. Mas é exatamente aquilo que

antecede a todo o conhecimento e se mostra ainda maior após todo o conhecimento.

Que é o ser humano? Não é uma pergunta cuja resposta se exaure pela abordagem da

ciência. Trata-se de uma questão existencial e não teórico-crítica. Por isso cada qual

deve responder por si mesmo, ao longo da caminhada da própria existência. A medida

que vai caminhando, também se vai abrindo o horizonte da pergunta e se vai

construindo a autodefinição pessoal.

A experiência última do homem não é mais homem; é a experiência daquilo que

transcende o homem; é a experiência do Mistério. Cada homem, por mais pecador e

miserável que seja, não pode apagar a Transcendência que se torna transparente em seu

semblante. Ele é sempre maior do que todos os seus crimes; maior do que todos os seus

arroubos de amor e de mística. Nele flui uma torrente de bondade, palpita uma

profundidade misteriosa, irrompe um além que constitui a permanente diafania de Deus

no mundo. Por isso, o ser humano assoma como o maior sacramento de Deus. Eis de

onde provém toda a sacralidade da pessoa humana; daí toda a sua respeitabilidade; daí a

identidade afirmada por Cristo entre o amor ao próximo e o amor a Deus. O amor não é

mandamento meramente voluntarístico: assim é porque Deus simplesmente o quer.

Deus o quer porque ele é o mais importante que existe. E o ser humano é o lugar de sua

aparição e realização privilegiada e consciente.

Já há muito que biólogos renomados como Humberto Maturana e Fritjof Capra

vêm afirmando a base biológica do amor. Ele se encontra na estrutura de toda realidade,

que é sempre urdida de relações, de cooperação, de comunhão e de inclusão. O amor é

aquela força que tudo liga e religa e que permite que as coisas formem um cosmos e não

permaneçam no caos. Portanto, o amor possui um fundamento ontológico: sua inclusão

na estrutura da própria realidade objetiva. No ser humano, esse dado objetivo se

transforma num projeto assumido com consciência e em plena liberdade. Através do

amor, Deus mesmo continua se auto-doando e fazendo história dentro da história

humana, pessoal e coletiva. Amando o outro, na radicalidade, estamos amando a Deus.

"Se viste a teu irmão, então viste a Deus", disse um dos primeiros teólogos cristãos,

Clemente de Alexandria (Stromateis 1,19), ainda no século segundo.

A experiência de Deus no ser humano deve, sempre de novo, superar a tentação de

uma compreensão fechada da realidade humana. Seguramente o ser humano é aquilo

que dele podemos saber, detectar, analisar, decifrar com o auxílio da observação pessoal

ou com o recurso ao aparato das ciências. Mas nesse esforço permanece algo não dito,

não analisado, não decifrado no dito, no analisado e no decifrado. Essa sobra representa

a misteriosidade inalcançável da realidade humana. Ela funda a base para colocarmonos diante de Deus, também experimentado como Mistério de sentido, de luz e de

enternecimento.

Poderíamos alongar-nos indefinidamente na análise de situações existenciais, nas

quais transparece a realidade divina. Todas essas experiências, que se dão na

cotidianidade da vida, são, na verdade, articulações da única experiência unitária,

articulações daquilo que nós chamamos Deus. Deus, portanto, não vem de fora, nem se

dá somente em situações privilegiadas da vida, mas está sempre presente na trama de

toda a existência. Emerge, torna-se advento e evento.

Pode haver momentos de absoluta gratuidade nos quais não se pergunta mais:

sabe-se que Deus aconteceu na vida. Irrompe uma harmonia, uma derradeira quietude

interior, uma unidade de todas as coisas, ligadas a uma única raiz de onde vivem,

existem e subsistem. Podem acontecer momentos assim na vida. Talvez após um longo

processo catártico; após penosas crises; quem sabe, no coração de uma vida alienada e

pecaminosa. Deus pode emergir não mais como pergunta nem como resposta ao

questionar irrequieto do coração. O ser humano experimenta, então, sua grandeza

infinitamente maior do que aquela do cosmos; sente-se o sacerdote de toda a criação;

agradece o fato de poder viver; dá graças e canta loas em nome de tudo e de todos; pode

então invocar o Mistério que experimenta: "Senhor, apesar de toda pequenez, posso

deixar que tudo penetre em mim, posso distender-me para o mais distante do universo.

Num momento posso tomar tudo em minhas mãos e tudo te oferecer como numa missa

cósmica, louvar-te como o Senhor, dar-te graças porque posso dar graças e dizer:

Aconteça o que acontecer, das profundezas de meu nada e do fundo dos infernos, não

deixarei de te louvar e eternamente te agradecer."

Se isso acontecer, saiba, então, que Deus terá irrompido em sua vida. Ele há de lhe

ser mais real do que sua própria realidade humana; há de existir mais seguramente do

que você mesmo existe. Pois armou tenda em você o Absoluto. Revelou-se o que lhe

concerne definitivamente e lhe dá o sentido de todo o viver. É nessa oportunidade que

você talvez faça a experiência mais gratificante da vida: sentirá a necessidade de

agradecer e saberá a quem dirigir-se: a Deus.